

Quatro poemas de Sérgio Capparelli

Sarah Rebecca Kersley

Os quatro poemas aqui traduzidos são do livro *111 Poemas para Crianças* (CAPPARELLI, 2003)¹, classificado em 2004 como altamente recomendável para jovens pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil². O livro como um todo inclui poemas de temas variados, chamando atenção tanto pelo humor, quanto pelo som da linguagem. Meu atual projeto de tradução limita-se aos poemas do livro com tema de animais, e cada um dos quatro poemas aqui apresentados conta uma história que envolve um animal. Outro elemento comum a esses poemas é que todos têm uma espécie de *punchline*, ou seja, uma conclusão cômica e inesperada.

Há muitas decisões a serem tomadas na abordagem para traduzir um poema. De acordo com J. D. Stahl (2006, p. 220), "O esforço de tradução pode ser considerado como uma escala de escolhas, desde a literal, de um lado, até a altamente interpretativa e inventiva, do outro."³. Nos poemas de Capparelli aqui traduzidos, escolhi privilegiar o lado do literal, pelo menos em relação ao conteúdo semântico. Percebi que, neste caso, era a melhor maneira de transmitir a voz do autor. Senti, também, necessidade de manter a *invisibilidade* do tradutor, conforme os princípios da tradutora Anthea Bell, prolífica tradutora britânica de literatura infantil, citada por Fogarty (2006). Em relação a traduções destinadas a crianças pequenas, concordo com Bell quando ela diz que "traduções devem soar não só

¹ Lançado para comemorar 20 anos da publicação de *Boi da cara preta*, seu primeiro livro de poemas infantis, e contém poemas de outras coleções além de inéditos.

² Conforme informação no catálogo da editora L&PM.

³ "One can think of the effort of translation as a scale of choices, from literal on the one side, to highly interpretive and inventive on the other." (STAHL, 2006)

como se tivessem sido escritas em inglês, mas também como se tivessem sido pensadas em inglês.⁴ (apud FOGARTY, 2006). Portanto, mantive a idéia de recriar a voz de Capparelli para que os textos possam ser apreciados por leitores anglófonos de modo totalmente independente dos poemas originais da língua portuguesa, parecendo autênticos na língua-alvo. Isto é, queria versões que pudessem entreter e provocar no leitor ou ouvinte as mesmas reações provocadas pela leitura do original.

Como esta edição da *Cadernos* trata de literatura infantil, uma categoria literária vaga que abrange textos e leitores diversos, acho interessante compartilhar as minhas considerações durante o processo tradutório sobre o leitor-alvo. Hoje em dia, editoras e livreiros tendem a especificar uma faixa etária para um livro. Mesmo que a indicação seja arbitrária e escolhida puramente por motivos comerciais, acho curioso e interessante apontar as diferenças entre as faixas etárias indicadas por diferentes entidades brasileiras em respeito ao livro *111 Poemas para Crianças*. A Livraria Cultura⁵ especifica a faixa de 6 a 9 anos, enquanto a Saraiva⁶ especifica 8 a 11 anos, e um painel de especialistas citado na Folha de S. Paulo indica o mesmo livro para a faixa de 2 a 6 anos (REWALD, 2010). A própria editora do livro não especifica a idade do leitor⁷, o que, pela minha experiência como livreira, é uma atitude infinitamente melhor em respeito a livros de categoria, pois cada criança leitora é diferente. Nas minhas próprias experiências com esse livro (não científicas e não quantitativas), presenciei leituras dos quatro poemas, em voz alta, para crianças brasileiras com idades entre 2 e 5 anos, em que os textos sempre foram lidos por adultos. As crianças tiveram uma reação extremamente positiva⁸ aos poemas de Capparelli e os adultos reagiram bem também. Por conseguinte, para esta tradução imaginei um público-alvo de crianças muito pequenas, a quem seriam lidas as traduções em voz alta por adultos, que também têm que gostar dos poemas, incontestavelmente.

Considereei fundamental a idéia de representar os poemas em uma linguagem e forma que jovens leitores/ouvintes já se sentissem confortá-

⁴ "translations should read as though they were not only written in English, but thought in English." (FOGARTY, 2006)

⁵ <http://livrariacultura.com.br/>

⁶ <http://livrariasaraiva.com.br/>

⁷ <http://www.lpm-editores.com.br>

⁸ Sempre numa escala não científica e não quantitativa.

veis, ou seja, uma linguagem reconhecível. Pressupondo que o propósito de qualquer poema seja a evocação de alguma emoção, então a necessidade de rima e / ou ritmo autênticos fica ainda mais fundamental nas traduções destinadas a crianças, como ressalta Morag Styles "...pelo fato de que crianças pequenas são especialmente responsivas à linguagem musical; elas são pré-programadas para rima e ritmo, pode-se dizer."⁹ (STYLES, 2010, p. xv)

Comentários sobre as traduções

A minha abordagem em relação aos quatro poemas aqui apresentados, portanto, foi de começar com o conteúdo semântico como prioridade, seguido pela meta de produzir um efeito sonoro parecido (não necessariamente o *mesmo* som ou ritmo do original português), moldando uma tradução dentro desse conceito. Nos poemas com rimas, usei as mesmas estruturas de rima usadas no português. Mas em vez de tentar recriar o ritmo exato do português, usei outros ritmos em inglês, que evoluíram em um processo criativo na maioria das vezes subconsciente. Das diversas observações que poderiam ser feitas sobre essas traduções, destaco algumas:

Primeiramente, as questões de rima e métrica no poema *O Buraco do Tatu*. Na tradução, reproduzi o esquema de rimas do português: abcb / aded / afgf / ahih / ajkj / alml / anon / apqp / arsr -, com 'a' sendo sempre a mesma palavra. De maneira geral este não me apresentou grandes dificuldades, com exceção da rima logo na primeira estrofe, que será examinada a seguir. Em relação ao ritmo, optei por não seguir o mesmo ritmo do português. No português, os versos são silábicos, com pequena variação no número de sílabas em cada estrofe. Mas em inglês, optei por um ritmo fixo em cada estrofe, utilizando um metro bastante comum em poesia inglesa: o chamado *common metre*¹⁰, formado por versos alternados de tetrâmetro jâmbico e trímetro jâmbico. Dito de outro modo, formado por versos alternados de 8 e 6 sílabas escritos em pés onde a entonação cai em cada segunda sílaba. No entanto, embora eu ache que funciona bem, o uso dessa métrica específica não foi uma decisão consciente na tradução. Ao tentar

⁹ Citação original em inglês: "...for the fact that young children are so responsive to musical language; they are hard-wired to rhyme - rhythm, you might say."

¹⁰ "metro comum"

lembrar e examinar o porquê das minhas escolhas tradutórias - para o propósito deste comentário -, procurei outros exemplos de traduções do português para o inglês onde estrofes com entre 8 e 12 sílabas foram traduzidas para o inglês usando o *common metre*. Não achei nenhum exemplo. Mas, curiosamente, achei um exemplo da situação inversa, em uma tradução do inglês para o português. Ao pensar em exemplos dessa métrica em inglês, lembrei do poema *Lucy Gray, or Solitude*, do William Wordsworth, um poema que li quando era criança, e que por acaso se encontra dentro de um dos livros que tinha à mão enquanto escrevia o presente comentário, em edição bilíngue com tradução de Alberto Marsicano e John Milton. Descobri, então, que o *common metre* do Wordsworth foi traduzido com versos de 7 e 12 sílabas em português (WORDSWORTH, pp. 104-105). Acho interessante notar que esse poema de Wordsworth assim traduzido parece soar muito bem ao ouvido brasileiro¹¹. Pode-se dizer que, pela mesma lógica, faz sentido ter usado o *common metre* - subconscientemente - para traduzir os versos de Capparelli.

Depois de modular a métrica, apresentou-se o desafio das rimas. Em *O Buraco do Tatu*, o maior problema foi a rima "lebre" com "Porto Alegre". Tendo já achado soluções satisfatórias para a maior parte da versão, esta rima logo na primeira estrofe representava um grande obstáculo. Esboços iniciais avaliaram a idéia de trocar a localização geográfica do primeiro *ponto de respiração* do tatu. E traduzi a primeira estrofe:

O tatu cava um buraco
 À procura de uma lebre,
 Quando sai pra se coçar,
 Já está em Porto Alegre.

assim:

The armadillo digs a hole,
 He's looking for a hare.
 When he pops up to have a scratch,
 He's in Trafalgar Square.

¹¹ Resultado de outra pesquisa não científica.

Aqui, "Porto Alegre" se transforma em uma referência familiar aos ouvidos anglófonos. Essa adaptação tornava possível manter a coerência de rima e métrica em todo o poema; além disso, ajudava a evitar que a atenção da criança se perdesse devido a uma referência desconhecida logo no início do poema.

No entanto, surgiam dois problemas com a versão citada acima. Primeiro, trocar "Porto Alegre" por "Trafalgar Square" significaria que apenas nesta estrofe existiria um desvio semântico do português, o que contradiria meu objetivo de manter o conteúdo semântico, sendo, portanto, incoerente com o restante da tradução e com os meus objetivos.

O segundo problema foi ressaltado pelo próprio Capparelli, após ele ler as minhas versões iniciais¹²: o sentido ilógico da viagem do tatu, já que na minha versão ele começava em Trafalgar Square, Londres (ou seja, Hemisfério Norte), logo aparecendo no Brasil, e logo viajando novamente rumo ao Norte, enquanto em *O Buraco do Tatu*, a viagem tem um percurso mais lógico, do Sul para o Norte.

Com essas observações em mente, voltei à versão. Examinei a possibilidade de mudar o animal, para poder manter uma referência ao extremo sul do planeta. Várias adaptações surgiram, por exemplo,

The armadillo digs a hole,
He's looking for some mice.
When he pops up to have a scratch,
He's on Antarctic Ice.

Também pensei em usar "Snake", "Passage of Drake", ou "Titicaca Lake". Mas decidi que o "hare" deveria ficar pelos motivos supramencionados. Então, logo considere nomes de praças no hemisfério sul, para poder manter "square" como rima com "hare". Mas rejeitei estas opções, por fugir demais ao meu objetivo para a tradução tanto em relação à semelhança semântica, quanto à autenticidade na língua de chegada. Além disso, estava ciente das ligações do autor com Porto Alegre¹³, outro motivo para manter a referência. Então, voltei ao poema original e focalizei em conceitos que poderiam ser associados com a cidade de Porto Alegre.

¹² em correspondência por email.

¹³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Sérgio_Capparelli ("Sérgio Capparelli" 2011).

A solução que adotei para essa estrofe e que pode ser lida na versão final (a seguir), cumpre os objetivos com os quais iniciei a tradução: mantém a semântica com uma alusão a Porto Alegre e ao Sul; é coerente com a métrica e rima da versão como um todo; e funciona como uma referência autêntica para leitores da língua inglesa.

Em relação ao processo tradutório de *A Mosca Tonta*, além dos objetivos supramencionados, outra prioridade era reproduzir os fonemas das consoantes sonoras, principalmente /z/, que representam, de forma onomatopáica, o som da mosca narradora. No português, o fonema /z/ está presente em vários momentos no poema, como "zumba", "pouso", "cozinha", insinuando a presença da mosca pela duração inteira da leitura do poema. Também notei que a mosca poderia ser percebida no fonema /v/, que também evoca um sonoro zumbido, como no verso "E voa e zumba" (CAPPARELLI, 2003). Conscientemente, tentei usar o /z/ o máximo possível na versão. Talvez, em um processo (subconsciente) de sobrecompensação, o resultado final foi que o fonema /z/ aparece na versão inglesa 16 vezes, enquanto no português aparece apenas 12. Isso poderia ser explicado pelo fato que verbos da terceira pessoa em inglês normalmente terminam com /z/, tornando bastante fácil reproduzir tal som em inglês.

Em relação ao conteúdo semântico, a versão de *A Mosca Tonta* apresentou mais desvios do que a versão inglesa de *O Buraco do Tatu*, principalmente em termos das comidas específicas sendo preparadas na cozinha. Mas apesar dessa adaptação e do consequente desvio do objetivo principal das traduções, a versão final teve sucesso em manter a presença sonora da mosca narradora. Para mim, *A Mosca Tonta* é a tradução que funciona melhor como poema independente em inglês, e onde a invisibilidade da tradutora é a mais verdadeira, entre todas as quatro versões aqui apresentadas.

Criar uma versão do poema *Relâmpago* representou um desafio distinto por causa dos nomes das personagens. Inicialmente fiz uma versão mantendo os nomes das personagens (Dora, Manuela, Fabíola). Mas a manutenção dos nomes trazia consigo três problemas: primeiro, a sintaxe e a estrutura do poema foram alteradas drasticamente para poder obter rimas autênticas em inglês; segundo, a mudança da forma trouxe a necessidade de incluir unidades semânticas inexistentes no poema em português; e terceiro, os nomes pareceriam estranhos para crianças anglófonos, complicando, então, o objetivo de criar versões a ser lidas por crianças como poemas autênticos em inglês. Nesta versão, Sérgio sugeriu a mudança dos

nomes para ver se assim seria possível ficar mais próximo à estrutura do seu poema. Com isso em mente, traduzi o poema novamente. As duas versões - bastante distintas - podem ser lidas a seguir.

Para finalizar, quero agradecer a incalculável ajuda do Sérgio Capparelli que, além de permitir a reprodução dos seus poemas aqui, me ofereceu valiosos comentários sobre as primeiras versões das traduções. Sou também muito grata aos editores da *Cadernos de Literatura em Tradução* pelas sugestões e pelo simpático acompanhamento do desenvolvimento deste comentário, bem como pela paciência de editar o meu anglo-português.

Os poemas e suas versões ao inglês:

O buraco do tatu

O tatu cava um buraco
À procura de uma lebre,
Quando sai pra se coçar,
Já está em Porto Alegre.

O tatu cava um buraco,
E fura a terra com gana,
Quando sai pra respirar
Já está em Copacabana.

O tatu cava um buraco
E retira a terra aos montes,
Quando sai pra beber água
Já está em Belo Horizonte.

O tatu cava um buraco,
Dia e noite, noite e dia,
Quando sai pra descansar,
Já está lá na Bahia.

O tatu cava um buraco,
Tira terra, muita terra,
Quando sai por falta de ar,
Já está na Inglaterra.

O tatu cava um buraco
E some dentro do chão,
Quando sai pra respirar,
Já está lá no Japão.

O tatu cava um buraco
Com as garras muito fortes,
Quando quer se refrescar
Já está no Pólo Norte.

O tatu cava um buraco
Um buraco muito fundo,
Quando sai pra descansar
Já está no fim do mundo.

O tatu cava um buraco
Perde o fôlego, geme, sua,
Quando quer voltar atrás,
Leva um susto, está na Lua.

The Armadillo's Dig

The armadillo digs a hole,
He's looking for a hare.
When he pops up to have a scratch,
He's in a Gaucho fair.

The armadillo digs a hole,
As deep as he can reach.
When he pops up to take a breath,
He's on a Rio beach.

The armadillo digs a hole,
Throws earth out with great skill.
When he pops up to have a drink,
He's in south-east Brazil.

The armadillo digs a hole,
All night, all day, no fear.
When he pops up to have a rest
He finds he's reached Bahia.

The armadillo digs a hole,
He throws out earth in piles.
When he pops up to get some air,
He's in the British Isles.

The armadillo digs a hole,
He doesn't have a plan.
When he pops up to take a breath,
He's almost in Japan.

The armadillo digs a hole
With all his strength and soul,
And when he wants to stop and chill,
He's now reached the North Pole.

The armadillo digs a hole,
A hole too deep to probe.
When he pops up to have a rest,
He's falling off the globe.

The armadillo digs a hole,
He wheezes, in a swoon.
But when he wants to turn back round,
He gasps: he's on the moon.

Um elefante no nariz

Se acha perigoso
Um elefante no nariz,
Pense bem:

Muito pior
Quando ele perde o equilíbrio
E solta um pum.

An Elephant Up Your Nose

If you think it's dangerous
To have an elephant up your nose,
Ponder this:

It gets even worse
When he loses his balance
And lets out a fart.

A mosca tonta

Eu sou a mosca
Que zumbe e zumbe
E pousa na louça
Da tua cozinha.
Vôo, revôo,
Zuno, que zuno
E desço no doce.
Melado? Melão?
E vôo e zuno
E pouso no prato,
Recebo destrato
E vôo, revôo,
Me afasto do fogo
E pouso na porta
Mexendo as patinhas.
Eu sou a mosca
Que zumbe e zumbe,
Não sabe se fica,
Não sabe se vai
E voa e zumbe
Sem mais direção,
E cai na panela
Que serve o feijão.

The Dizzy Fly

I'm that fly
Who buzzes and buzzes
And pauses on bowls
When you're cooking your dinners.
I fly, fly again,
I buzz and I buzz
I swoop down to the sweet.
Is it fudge or fresh fruit?
And I fly and I buzz
And I pause on your plate,
You seem quite irate.
And I fly, fly again,
I flee from the flame
And pause at the door
And I wiggle my toes.
I'm that fly
Who buzzes and buzzes,
Don't know if I'm coming
Don't know if I'm going.
And I fly and I buzz,
No idea what to do
Then I fall in the pan
With the hot bubbling stew.

Relâmpago

O meu cachorro Relâmpago
Acordou-se com sarampo.

Veio a dona Manuela:
Deve ser varicela!

Veio a dona Dora:
Para mim, catapora!

E a dona Fabíola:
Mais parece varíola.

Por fim, a veterinária:
Acho tudo um disparate,
Pois o cachorro se manchou
Foi com molho de tomate!

Lightening

My dog, whose name is Lightening
Woke up with a rash. It was frightening.

Along came dear Manuela:
It looks to me like rubella!

Along came Dora, who said:
It's mumps, it's that kind of red!

Next came Fabiola:
It looks more like melanoma.

In the end, the vet arrived:
Shout out your theories 'till you're hoarse,
What made this dog all spotty
Was a tub of ketchup sauce!

Lightening Flash

My dog, Lightening Flash.
Woke up with bright red rash.

Along came Miss Manuela:
It has to be Rubella.

Along came Miss Fiona:
I think it's melanoma.

Then came Mrs Foster:
It's more like herpes zoster.

Then at last, the vet arrived:
Spout your theories 'til you're hoarse,
What made this dog all spotty
Was a tub of ketchup sauce!

Referências

- CAPPARELLI, Sérgio. *111 Poemas para Crianças*. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- FOGARTY, Evyor. "Anthea Bell: 'The invisible translator'". In: *ITI Bulletin November-December 2006*. Milton Keynes: Institute of Translation and Interpreting (ITI), 2006. pp. 30-32.
- REWALD, Fabiana. "Buscar ilustrações e criar vínculo afetivo ajudam a formar crianças que gostam de ler". In: *Folha de São Paulo*, 14/06.2010. Página eletrônica: <http://www1.folha.uol.com.br/saber/749350-buscar-ilustracoes-e-criar-vinculo-afetivo-ajudam-a-formar-criancas-que-gostam-de-ler.shtml>. Consulta realizada em 30 de maio de 2011.
- STAHL, J.D. "Mark Twain's 'Slovenly Peter' in the Context of Twain and German Culture". In: LATHEY, Gillian (ed.). *The Translation of Children's Literature: A Reader*. Clevedon/New York/Ontario: Multilingual Matters, 2006. pp. 211-224.
- STYLES, Morag. "Introduction: Taking the Long View - the State of Children's Poetry Today". In: STYLES, Morag; JOY, Louise; WHITLEY, David (eds.). *Poetry and Childhood*. Stoke on Trent: Trentham Books, 2010. pp. xi-xvi.
- WORDSWORTH, William. *O Olho Imóvel pela Força da Harmonia*. Tradução e apresentação de Alberto Marsicano e John Milton. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

Websites

- "Sérgio Capparelli" (página do site Wikipedia sobre o autor). Página eletrônica: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sérgio_Capparelli. Consulta realizada em 30 de maio de 2011.
- "Livraria Cultura". Página eletrônica: www.livrariacultura.com.br. Consulta realizada em 30 de maio de 2011.
- "Livraria Saraiva". Página eletrônica: www.livriarasaraiva.com.br. Consulta realizada em 30 de maio de 2011.
- "Editora L&PM". Página eletrônica: <http://www.lpm-editores.com.br>. Consulta realizada em 30 de maio de 2011.